

DANÇA E CRIATIVIDADE PELA SUBJETIVIDADE***DANZA Y CREATIVIDAD POR SUBJETIVIDAD***Marcos Antônio Paz da SILVEIRA¹

1

Resumo: O artigo debate a possibilidade do ensino-aprendizagem da dança que estimule o processo criativo apoiado no referencial da subjetividade como concepção metodológica e teórica de base comportamental, apresentando-se como instrumento importante para induzir uma aprendizagem que resulte na capacidade de pensamento intelectual do indivíduo. O objetivo é trazer a configuração de preceitos teóricos da subjetividade e como esse conceito pode auxiliar na inovação para uma abordagem pedagógica na produção de conhecimento aos alunos por meio da dança. Ao abordar metodologicamente a dança como ferramenta educativa e de boa aceitabilidade aos jovens, sua trajetória afirmativa no espaço escolar ainda necessita de aporte teórico para seu efetivo processo educativo, e a subjetividade para essa produção permanente permite ao ensino-aprendizagem da dança ir além do movimento por si só e com fins em si mesmo. Assim, a dança durante o processo pedagógico voltado ao conhecimento do corpo em sua integralidade, possibilita ampla vivência no sentido de promover a reflexão, a criticidade e a autonomia de pensamento dos estudantes, sobretudo, visando a construção da cidadania.

Palavras-chave: Dança. Criatividade. Subjetividade.

Resumen: El artículo discute la posibilidad de enseñanza-aprendizaje de la danza que estimule el proceso creativo sustentado en el referencial de la subjetividad como concepción metodológica y teórica de la base conductual, presentándose como un importante instrumento para inducir aprendizajes que se traduzcan en la capacidad de pensamiento intelectual del individual. El objetivo es acercar la configuración de los preceptos teóricos de la subjetividad y cómo este concepto puede ayudar en la innovación para un enfoque pedagógico en la producción de conocimientos a los estudiantes a través de la danza. Al abordar metodológicamente la danza como herramienta educativa y de buena aceptabilidad para los jóvenes, su trayectoria afirmativa en el espacio escolar aún necesita de sustento teórico para su efectivo proceso educativo, y la subjetividad para esta producción permanente permite que la enseñanza-aprendizaje de la danza vaya más allá del movimiento. por sí mismo y con fines en sí mismo. Así, la danza durante el proceso pedagógico enfocado al conocimiento del cuerpo en su totalidad, permite una amplia experiencia en el sentido de promover la reflexión, la criticidad y la autonomía de pensamiento de los estudiantes, sobre todo, apuntando a la construcción de ciudadanía.

Palabras clave: Danza. Creatividad. Subjetividad.

¹ Realiza estágio pós-doutoral em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/PPGEdu-UFMS. Professor Doutor EBTT-IFAM. E-mail: marcospaz.psb@gmail.com.

Introdução

Diante da complexidade que o ato pedagógico se apresenta, aprofundar em concepções do processo de ensino-aprendizagem é essencial para estimular a criatividade dos alunos. A forma de efetivar o aprendizado na educação formal aplicada nas escolas é permeada por processos e técnicas didáticas corriqueiramente reprodutivistas que refletem na pouca mudança de comportamento e de pensamento da maioria dos alunos.

Dessa forma, dentre as várias concepções presentes na esfera educacional, a base comportamental e sua plataforma teórica de previsão e controle são guias que podem reforçar o resultado da aprendizagem com ligação à mudança de atitude. As coisas e os indivíduos interagem de maneira natural e o professor, nesse contexto, tem a oportunidade de estabelecer meios para permitir que a aquisição de conduta resulte em conhecimento.

Assim, a compreensão do processo educacional abordada pela dança na escola observa o mecanismo presente na concepção subjetiva, pelo caráter operacional da mente que reporta à aprendizagem o resultado do pensamento intelectual do indivíduo, denominado capacidade cognitivista.

Portanto, o modelo educacional, em geral, não fomenta ações pedagógicas que estimulem a reflexão, a criatividade e a discussão, que são geradoras de conhecimento no processo de ensino-aprendizagem. Talvez por não proporcionar aos agentes presentes no meio escolar a possibilidade de outras posturas que não sejam um processo educacional ligado à reprodução e à não criação. Conforme expressa a autora Mitjans Martinez (2006, p. 71), “[...] existe uma tendência a produzir coisas ‘novas’ em sala de aula sem uma preocupação em analisar seu impacto real na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos”.

Posto isso, o ensino da dança se aproxima do viés que se pretende debater, como um componente presente da cultura corporal na escola, com suas diversas formas de manifestação, experiências e vivências, que tem a peculiaridade de estimular o desenvolvimento da expressividade, da criatividade, das habilidades motoras, da capacidade cognitiva e, principalmente, da compreensão de si, do próximo e do mundo. Para a estudiosa Marques (2012, p. 40), “A linguagem da dança é uma área privilegiada para que possamos trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade”.

Assim, dentre os diferentes enfoques voltados à aprendizagem na educação física, a dimensão subjetiva pode apresentar elementos que concretizam um processo de transformação do indivíduo pelo processo educacional de ensino-aprendizagem que estimule a criatividade por meio da dança.

Subjetividade e processo educacional

A subjetividade, abordagem teórica apresentada pelo autor Fernando González Rey², traz princípios teóricos, epistemológicos e metodológicos dos enfoques sociocultural e histórico-cultural que apresentam combinações em diferentes campos, e essas especificidades são importantes para poder delimitar o contexto subjetivo. O enfoque sociocultural está ligado ao cognitivismo, distanciando-se do sujeito e da subjetividade; no contexto de suas significações, o caráter histórico do homem e da própria sociedade é desconsiderado como elemento que influencia na acumulação do conhecimento individual e social. Com efeito, descreve González Rey (2005):

A negação do histórico permite uma definição totalmente funcional e instrumental da psique que está divorciada da organização complexa da sociedade, e da própria história singular do sujeito concreto portador de sua configuração subjetiva. A ação se considera central e o homem é definido como seu agente, se expressando nos termos parciais de sua ação, sem conferir-lhe um sentido a partir de sua própria história (GONZÁLEZ REY, 2005, p.178).

O indivíduo, nesse contexto, perde a capacidade de participar plenamente de uma ação, pois sua condição de mero agente não reflete o comprometimento com seu sentimento e com sua história de vida; os aspectos sociais na perspectiva sociocultural ficam reduzidos a uma análise vinculada à racionalidade. Essa operação se desvincula da subjetividade individual e o sujeito constituído de ações, reflexões, sentimentos, diálogos, relações, entre outros elementos formadores de sua personalidade e de toda sua historicidade, não são considerados.

² Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia Geral e Pedagógica de Moscou e Doutor em Ciências, com Pós-doutorado pelo Instituto de Psicologia da Academia de Ciências da União Soviética. Autor do livro *Sujeito e subjetividade* (2003).

Por outro lado, o termo histórico-cultural reporta a uma prática social correlacionada com o sujeito e ambos, por suas condições subjetivas atuais e anteriores, e por outros espaços da vida social, respondem pela produção do conhecimento. O autor González Rey (2005) destaca com clareza este posicionamento:

Assim, por exemplo, uma função como o aprendizado, que até hoje constitui um campo particular de produção do conhecimento psicológico, se converteria em um campo que integraria o estudo da constituição subjetiva do sujeito que aprende, pois dela dependerá, entre outros elementos, a produção de sentidos no processo de aprendizado. Nessa perspectiva, o aprendizado estaria mediatizado pelos sentidos subjetivos manifestados em outras esferas da vida do sujeito, como sua vida social e familiar em um sentido geral, o que definiria a circulação de emoções particulares no espaço da sala de aula, cuja procedência não está ligada de forma imediata aos processos que têm lugar na sala de aula, que irão adquirir sentido somente por meio de mediatização ativa da história social de cada aluno, constituída em sua dimensão subjetiva e social atuais (GONZÁLEZ REY, 2005, p.196-197).

O processo de ensino-aprendizagem tem um constante tratamento de ações mecânicas na didática e metodologia, enfatizando os aspectos cognitivos na educação e, nessa posição, ao indivíduo é legado um sentido limitado da compreensão e reconstrução do processo educacional, que se propõe à inércia do pensar na medida em que as ações pedagógicas vão passando de temporalidade, ou seja, as estruturas discursivas não remetem a um sentido para o indivíduo, tendo somente a finalidade de padronizar mecanismos educacionais e direcionar a respectivas respostas.

Outrossim, o que Fernando González Rey trata e torna-se interessante de aprofundar é a perspectiva de “desvencilhar” do padrão educacional vigente, pois a subjetividade abordada nessa concepção traz uma nova forma de tratativa com relação ao indivíduo aluno. De acordo com o autor:

O sentido subjetivo de uma experiência nunca vem dado pela condição objetiva daquela, mas por seu impacto sobre uma configuração de sentido que inclui de forma altamente diferenciada sentidos anteriores, produzidos mediante experiências associadas às mais diversas áreas da vida social do sujeito, e que tem entrado em relação entre si só como momentos da configuração subjetiva atual do sujeito, cuja ação presente se produz a nova experiência (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 183-184).

Logo, o processo educacional só tem sentido quando propõe avançar por meio do pensamento, em novas estruturas e relações culturais. Esse modelo serve como base para a compreensão de mundo, configurando-se em uma nova matéria-prima desse processo.

Essas configurações subjetivas partem da personalidade do indivíduo, seus recortes de vida, ao encontro de uma ação de reflexão e produção de ideias que tenham significado ao participante em uma atividade educativa. Outro ponto abordado à subjetividade é o fato do pensamento estar conjugado aos sistemas formadores da personalidade. Isso demanda dizer que o pensar não é um ato isolado e que, aliado à reflexão, várias formulações se associam para resultar em um novo momento que vai se integrar na história do sujeito. Por conseguinte, a subjetividade considera o desenvolvimento integral do indivíduo com os aspectos intelectuais conjuntamente com todos os elementos que permeiam a personalidade.

Nesse prisma, a criatividade no processo educacional tem influência fundamental para mais eficiência do ato pedagógico. Essa maior atenção de como as atividades educacionais podem se relacionar com a criatividade é salientada também por Mitjans Martinez (2006), que justifica que a produção do novo em aproximação com o aluno não faz do professor e da própria ação pedagógica como criativa. Para a autora:

Criatividade e novidade não são palavras sinônimas. [...] O valor que o novo que se produz tem – no caso do trabalho pedagógico, algum tipo de valor para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos – resulta essencial para sua consideração como criativo (MITJANS MARTINEZ, 2006, p.71).

Nessa proposição, é importante considerar o indivíduo aluno como sujeito que carrega toda uma complexa diversidade histórico-cultural e seu sentido subjetivo alimentando novos conhecimentos.

Destarte, um dos obstáculos teóricos que dificulta a materialidade da subjetividade no processo educacional é como articular os processos de subjetivação dos espaços sociais e individuais, dada a gênese desses dois processos que estão em um limiar de significações e de sentidos que resultam em uma zona de tensão subjetiva. A compreensão do ensino-aprendizagem como uma prática dialógica se remete à mudança na prática pedagógica e à indagação do modelo educacional vigente.

Por isso, a atual organização das escolas é um desafio para o enfoque subjetivo. A exposição e a ação pedagógica centrada em “conteúdo, docente e processo educativo”, colocando o aluno como elemento passivo, incentivam o conhecimento reprodutivista e dificultam processos reflexivos, sendo uma realidade de difícil transposição. Para González Rey (2006):

Não existirá sentido subjetivo em uma atividade despersonalizada; portanto, o maior inimigo da aparição dos sentidos subjetivos na aprendizagem será a aprendizagem padronizada, centrada em exigências externas que impedem o aluno de tornar-se sujeito de seu percurso na aprendizagem (GONZÁLEZ REY, 2006, p. 39).

Assim sendo, para romper uma estrutura educacional padronizadora, que relaciona regras e normas voltadas a abafar a discussão e as indagações no ato de ensino-aprendizagem, justificado por mensurações de desempenho e constantes distorções da política educacional, um dos desafios na concepção subjetivista é a aplicação dialógica e reflexiva durante o processo educacional.

Dança como instrumento pedagógico à criatividade

A dança é uma manifestação que tem origem nos tempos mais primitivos, nascendo da expressão das emoções básicas e pela comunhão mística do homem com a natureza. Tal forma de arte acompanha a humanidade desde os primórdios, conforme vários relatos de documentos que descrevem organizações sociais, estando presente nos homens que imitavam animais ou reproduziam sons e fenômenos da natureza. Portanto, sempre esteve ligada à vida humana, em suas crenças, aspirações, desejos e atividades cotidianas.

Logo, acontecimentos importantes e significativos na composição da sociedade ocorreram ao longo dos tempos e sempre com uma constante participação corporal. Dessa forma, a dança se insere nesse universo cultural, expressando significados e simbolizando a existência humana.

No Brasil, a dança surge a partir das manifestações culturais indígenas existentes antes mesmo da colonização, e após, também por influência dos colonizadores vindos do continente europeu. Com o processo escravagista de povos vindos principalmente do continente africano,

constituiu-se essa miscigenação cultural e, nesse processo histórico, a evolução da dança se integrou nessa diversidade.

Em consequência da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/1997) houve uma distribuição dos conteúdos na Educação Física em três blocos: esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas; e conhecimento sobre o corpo. Notadamente, a dança compôs o bloco das atividades rítmicas e expressivas, que aborda nos PCNs questões referentes às manifestações da cultura corporal, tendo como características comuns a intenção de expressão e comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal.

Dessa maneira, incluída nos PCNs, a dança passa a ganhar reconhecimento nacional como forma de conhecimento a ser desenvolvido na escola, e esse documento expôs sua relevância no que se refere ao movimento.

Por meio das danças e brincadeiras, os alunos podem conhecer as qualidades do movimento expressivo, tendo a capacidade de analisá-los a partir dessa referência. A dança desbrava novos espaços na escola em várias áreas pedagógicas e também em locais não formais, como clubes, academias, ruas e praças, seja ela apresentada como prática educacional, alternativa ou de lazer.

Por conseguinte, o ensino da dança precisa ser bem definido e tratado como um recurso educacional para propiciar aprendizagem voltada à construção de um conhecimento sólido que esteja diretamente relacionado com valores, hábitos, modos de agir e transformar a realidade. Contudo, somente fará parte do cotidiano das pessoas, e também dos estudantes no ambiente escolar, no momento em que se tornar de fato significativa, de modo que por meio desta o indivíduo possa reconhecer e vivenciar novas relações sociais. Sua importância também se aplica a outros espaços sociais, pois propicia vivências de corporeidade, relacionamentos estéticos entre as pessoas, comunicação não verbal, autoconhecimento, expressividade, criatividade e desenvolvimento da sensibilidade, colaborando com as relações sociais.

Nesse sentido, é importante a seleção dos conteúdos da dança a serem ensinados na escola. Essa responsabilidade é dos professores em convergência com o projeto político pedagógico da instituição, de forma coerente com a realidade, observando características

sociais e culturais inerentes ao contexto de vida das pessoas para contribuir com a formação crítica, reflexiva e de superação da nossa complexidade humana.

O trabalho da autora Isabel Marques (2012) sugere um arranjo metodológico de conteúdos da dança a serem aplicados na escola baseados em pilares teóricos e práticos, tratando de aspectos e componentes do aprendizado do movimento pela dança e da possibilidade de vivenciá-la em si. A estudiosa define, dessa forma, os conteúdos da dança:

Em suma, os conteúdos específicos da dança são: aspectos e componentes do aprendizado do movimento (aspecto da Coreologia e Educação Somática); áreas de conhecimento que contextualizem a dança (História, Estética, Apreciação e Crítica, Sociologia, Antropologia, Música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia) e possibilidades de vivenciar a dança em si (repertórios, improvisação e composição coreográfica) (MARQUES, 2012, p. 34).

Outro trabalho significativo que aborda o ensino da dança como instrumento educacional é o desenvolvido por Débora Barreto (2008), que apresenta como proposta de conteúdos o contato com as técnicas de expressão, os conteúdos coreológicos, os tópicos ligados à composição cultural e os conteúdos de sensibilização no desenvolvimento da dança. Assim, descreve Barreto (2008):

Conteúdos de dança

1. Técnicas de expressão de dança: improvisação, composição coreográfica, consciência, percepção e expressão corporal, exercícios técnicos de dança (clássica, moderna, contemporânea e outras), repertório (folclóricas, populares, de roda e outras);
2. Conteúdos coreológicos: corpo, fatores de movimento, espaço, dinâmicas, ações, relacionamentos, som e ritmo.

Conteúdos sobre a dança

1. Anatomia, cinesiologia, história da dança e música.

Conteúdos de sensibilização

1. Conteúdos do cotidiano – o “despertar do educando”, os movimentos e as danças que realiza em seu cotidiano;
2. Fruição estética (o desfrutar e o “lançar-se” ao prazer, tomar contato com obras de arte, não apenas de dança);
3. Apreciação estética (estimar, prezar, admirar, julgar e avaliar os trabalhos de dança via apresentações, vídeos e espetáculos) (BARRETO, 2008, p. 68).

Logo, os conteúdos da dança podem ser ensinados mais especificamente sob a ótica educacional mediante a subjetividade, visando conhecer as suas diversas formas de manifestação, por meio da vivência, do estímulo ao desenvolvimento da expressividade, da

criatividade, das habilidades motoras, da capacidade de reelaboração cognitiva, da própria compreensão de si, do próximo e do mundo.

Dentre os vários objetivos que tratam os conteúdos da dança descritos nos PCNs e nos referenciais curriculares voltados à área educacional, os autores Ehrenberg e Pérez Gallardo (2005), afirmam:

A dança, como outras manifestações da cultura corporal, é capaz de inserir o indivíduo ao mundo em que vive de forma crítica estimulando-o como agente de possível transformação, mas para tal é necessário não apenas contemplar conteúdos da dança e sim, identificá-los, vivenciá-los e interpretá-los (EHRENBERG; PÉREZ GALLARDO, 2005, p.124).

Assuntos relacionados à corporeidade, à cultura e à sociedade, também são importantes nesse processo de ensino-aprendizagem e devem ser abordados por meio da percepção corporal, pela expressividade, por movimentos e habilidades, pela ritmicidade, pelas questões de ambiente que propiciem esse conhecimento, assim como, pelos valores culturais, sociais e éticos, que são fundamentais para elevar a consciência corporal, instigando uma interlocução crítica e reflexiva a respeito de nossa sociedade contemporânea. Conforme a autora Mitjás Martínez (2006):

A aprendizagem, em seus diferentes níveis, deve procurar a atividade criativa do aluno. O aluno deve passar da compreensão de um tema à elaboração de novos conhecimentos, a partir do modelo teórico que se desenvolve como unidade subjetiva do aprendizado (MITJÁS MARTINEZ, 2006, p. 41).

Em outras palavras, a assertiva de Albertina Mitjás Martínez corrobora com o tema tratado neste artigo, quando destaca que o medo do erro é um dos piores inimigos da educação atual, pois no processo educacional, novas experiências rompem com hábitos escolares, com rotinas em que o aluno tem ficado engessado em fórmulas tarefas que minimizam falhas e termina sendo incapaz de produzir pensamento sobre o que se aprende, distanciando-se do processo criativo, fundamental para a construção de conhecimento.

Sob essa ótica, quase todas as teorias contemporâneas no campo educacional relatam a necessidade da produção de criatividade articulada ao processo de autonomia, mas suas consequências práticas não caminham nesse sentido, porque a escola se apresenta com

grandes dificuldades de enfrentamento aos novos processos de convivência social refletidos no aproveitamento do tempo escolar.

Considerações Finais

Existem várias formas de se compreender a dança, maneiras estas construídas ao longo do tempo e específicas de cada local, não existindo sentido em estudar tais manifestações desvinculadas de seu contexto social, político e histórico.

Ao abordar a dança como ferramenta educativa no processo de ensino-aprendizagem e que tem boa aceitabilidade entre os jovens, o aporte teórico da subjetividade pode apresentar um novo viés na produção desse conhecimento permanente durante o processo educacional para ir além do movimento, mas como uma proposta pedagógica que permita ampliar a efetividade na construção de conhecimento global por meio da convivência de novas experiências no espaço escolar.

Diante disso, a cultura corporal presente nos esportes, jogos, lutas, ginásticas e também na dança, apresenta-se como importante instrumento educacional voltado ao conhecimento do corpo em sua integralidade (físico, cognitivo, afetivo e social). A subjetividade, como pressuposto na composição desse conhecimento, traz um aporte teórico importante ao desenvolvimento da dança como atividade pedagógica no espaço escolar, que propõe ir além do movimento por si só e com fins em si mesmo. Suas amplas possibilidades de movimento permitem, a partir dessa proposta pedagógica, reelaborar-se constantemente como instrumento educacional no ambiente da escola, que pode estimular e produzir criatividade.

Em suma, ao apresentar o ensino da dança pela subjetividade, há um sentido pedagógico de promover a reflexão, a criticidade, a criatividade e a autonomia de pensamento dos estudantes, sobretudo, visando à construção de conhecimento. Assim, esta proposta se apresenta como uma possibilidade teórica e prática para desenvolver um processo de ensino-aprendizagem mais efetivo no espaço escolar por meio da educação física.

Referências



BARRETO, D. **Dança...** ensino, sentidos e possibilidades na escola. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. 192 p.

EHRENBERG, M.C.; PÉREZ GALLARDO, J.S.P. Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de educação física escola. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 11, p. 121-126, maio/ago. 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e Subjetividade:** uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 290 p.

GONZÁLEZ REY, F. L. O sujeito que aprende: desafio do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. *In:* TACCA, M.C.V.R. (org.). **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p. 29-44.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2012. 216 p.

MITJÁNS MARTINEZ, A. Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na Aprendizagem: uma relação necessária? *In:* TACCA, M.C.V.R. (org.). **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p. 69-94.

Enviado: 30/06/2020

Aceito: 31/08/2020